

ENTREVISTA – PABLO FRANCISCO DE ANDRADE PORFÍRIO

Histórias de vida, escritas da História: pesquisa e recortes de uma trajetória

Entrevistado:

Quando surgiu a ideia deste dossiê, começamos a pensar nas diversas pesquisas que norteiam o campo investigativo das biografias e trajetórias de vida. Pensar a vida escrita, narrada, tecida em palavras é algo fascinante. É perceber a linguagem e seus múltiplos significados, procurando encontrar caminhos para descrever homens e mulheres em suas ações no tempo. Essa escrita é permeada de estratégias analíticas, de rigor científico em que as fontes documentais se entrelaçam, encontrando fios que buscam apresentar esses fragmentos da vida por escrito. Pensando nesse percurso historiográfico, veio o nome de Pablo Porfírio e, logo, o desejo de convidá-lo para compor este dossiê. Convite feito, convite aceito. Ele nos concedeu uma entrevista, de sua casa em Recife, mapeando um pouco as questões que conduzem fragmentos de sua inserção nos horizontes da trajetória e da biografia. Cabe ressaltar que a distância foi algo mais que necessário; estávamos com o avanço da pandemia da COVID-19, logo, outros suportes tecnológicos foram acionados. A voz e a imagem digital ditavam as regras do momento.

Pablo Francisco de Andrade Porfírio cursou sua graduação (2004) e seu mestrado (2008) em História na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fez doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e frequentou a Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH), Ciudad de México, em 2013. Foi a partir do desdobramento das pesquisas realizadas sobre as Ligas Camponesas em Pernambuco, fruto de seu mestrado, que vieram os estudos sobre Francisco Julião. Ao todo, foram 10 anos de pesquisa em vários arquivos nacionais e internacionais para compor a trajetória desse líder das Ligas Camponesas, problematizando sua inserção na política e nos movimentos sociais. Sua entrevista segue por esses caminhos metodológicos da pesquisa, entre as fontes documentais e a operação historiográfica, ponto que culmina na “escrita de sua trajetória”.

Atualmente, o historiador é professor do Colégio de Aplicação e do Programa de Pós-graduação em História da UFPE. Seu trabalho é reconhecido nos meios acadêmicos devido à forma de instigar, problematizar e narrar a história. De seus trabalhos,

destacam-se *Medo, Comunismo e Revolução: Pernambuco (1959–1964)*, editado pela EDUFPE, e *Francisco Julião: em luta com seu mito*, editado pela Paco Editorial. Esse último trabalho — que recebeu, em 2013, o Prêmio Manoel Salgado de melhor tese, concedido pelo PPGHIS/UFRJ — foi fruto de uma investigação densa e documental, que permitiu conhecer a trajetória desse personagem em suas temporalidades. As palavras do historiador, nesta entrevista, atestam seu caráter ético e investigativo no campo da História. Não se considera um biógrafo, mas um historiador que recortou o tempo, analisou os fragmentos de uma vida e nos contou por meio da palavra escrita. Agradecemos seu apoio e participação neste volume da revista.

Marabá, 2020.

Entrevistadores:

Geovanni Gomes Cabral¹ — Revista Escritas do Tempo

Graduado em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco- UFRPE, Especialização no Ensino de História - UFRPE, Mestrado e Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, na linha de pesquisa Cultura e Memória. É Professor Adjunto da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará e vice coordenador do grupo de pesquisa (iTempo - CNPq) - Interpretação do tempo: ensino, memória, narrativa e política. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em História da Unifesspa - PPGHIST. É Editor da Revista Escritas do Tempo do PPGHIST. Tem experiência na área da História Cultural, Brasil Republicano, História da Educação, Ensino de História, Cultura Popular, Patrimônio e Educação à Distância. Atualmente vem desenvolvendo pesquisas sobre fotografia como fonte documental, nos arquivos da Comissão Pastoral da Terra - CPT e na Fundação Casa da Cultura de Marabá, envolvendo a área do Ensino de História e suas novas linguagens na sala de aula.

¹ Docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). Doutor em História pela UFPE. Editor da Revista Escritas do Tempo.

Benito Bisso Schmidt² — Revista Escritas do Tempo

É licenciado (1990) e bacharel (1992) em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, mestre em História pela mesma instituição (1996) e doutor em História Social do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP (2002), com estágio no Centre d'Histoire Sociale du XXe Siècle (Université Paris 1 - Panthéon-Sorbonne) (2001). Atualmente, é Professor do Departamento (desde 1994) e do Programa de Pós-Graduação (desde 2003) em História da UFRGS. Também integra o corpo docente do Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHIST (desde 2014). Foi Maître de Conférences na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS, Paris (2005 e 2011). Foi titular da Cátedra Simón Bolívar do Institut des Hautes Études de l'Amérique Latine - IHEAL (Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle) de janeiro a maio de 2014; professor convidado junto ao Department of Romance and Latin-American Studies da Universidade Hebraica de Jerusalém, em maio de 2014, e ao Mestrado em Ciências Humanas da Universidad de la República (Uruguai), em maio de 2016; e Distinguished Fulbright Visiting Scholar na Emory University (EUA), de agosto a dezembro de 2017. Integra o Grupo de Pesquisa “Teoria e Metodologia da História” e o Laboratório de Ensino de História e Educação (LHISTE), ambos vinculados ao CNPq. Ministra disciplinas na área de Teoria e Metodologia da História e pesquisa sobre temas como: história LGBTQI+ e teoria queer, gênero biográfico, história social da memória, história do trabalho, história das relações de gênero e ditaduras na América Latina. De fevereiro a dezembro de 2018, realizou estágio Sênior no Exterior na Brown University (EUA), com bolsa CAPES.

Wilton Carlos Lima da Silva³ — Revista Escritas do Tempo

Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP (1993) e Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis (2000) e Livre-Docente em Metodologia da Pesquisa Histórica, também pela UNESP, Campus de Assis (2013). Realizou estágio de pesquisa sobre Biografias na Historiografia Portuguesa, no CEIS20 (Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX), da Universidade de Coimbra, em Portugal (2010) e sobre Autobiografia de Docentes, na Universidade de Sevilha, com Bolsa do Programa

² Docente do Departamento de História (desde 1994) e do Programa de Pós-Graduação em História (desde 2003) da UFRGS. Doutor em História pela UNICAMP.

³ Docente da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis. Doutor em História pela UNESP/ASSIS.

"Movilidad de Profesores e Investigadores Brasil-España" (2015-2016), da Fundación Carolina. Foi Professor Visitante na Universidade de Brasília (UnB) (2018) e na Escuela Nacional de Estudios Superiores, da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), em Morélia (2019) e fez Pós-Doutorado na área de História, sobre Memoriais Acadêmicos como Autobiografia Docente, na UNICAMP (2015-2016). É Professor Associado da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis, coordenador do MEMENTO - Grupo de Pesquisa de Memórias, Trajetórias e Biografias. Tem experiência na área de Antropologia Cultural e História do Brasil, atuando principalmente nos seguintes temas: (auto)biografia e memória, linguagem e narrativa, instituições e história intelectual. Entre aulas, pesquisas e orientações tem buscado manter-se um professor amador e um aprendiz profissional.

Escritas do Tempo: Quais caminhos percorridos possibilitaram o encontro do autor com seu principal personagem?

Pablo Porfírio: No meu caso, descobri Francisco Julião desde as primeiras pesquisas desenvolvidas ainda durante o curso de graduação em História. Era bolsista de iniciação científica e começava a frequentar arquivos e ler a bibliografia. Estudava a atuação de padres e bispos católicos nos movimentos sociais de trabalhadores na década de 1960 no Nordeste do Brasil. Surgiam nos documentos consultados os sindicatos de trabalhadores rurais, organizados com a participação de muitos católicos, e as Ligas Camponesas. Comecei a me interessar por esses personagens, suas trajetórias e suas lutas cotidianas. Nas primeiras leituras dos jornais da época, dos relatos de memórias, da bibliografia, quando encontrava fotografias das ações desses trabalhadores rurais, me impressionava o tamanho das mobilizações, a repercussão nacional e internacional do movimento e depois a brutal repressão sofrida em 1964. A curiosidade em conhecer aquelas histórias me moveu e decidi apresentar um projeto de pesquisa para o curso de mestrado em história da UFPE. Estudaria o movimento de trabalhadores rurais em Pernambuco, entre 1955 e 1964, com destaque para as Ligas Camponesas. Interessava-me, principalmente, entender como o anticomunismo produziu e fez circular imagens e significados de perigo e medo que eram relacionadas às ações das Ligas e seus integrantes. Nessas ações, comecei a me interessar muito por Francisco Julião. A forma como dialogava com os trabalhadores, os textos que escrevia, criativos, acessíveis, para serem lidos por cantadores nas feiras livres. A sua radicalidade também tomava minha

atenção. Eram discursos explosivos, empolgantes. Nos poucos registros fílmicos de época existentes, pode-se identificar como ele conseguia contagiar e mobilizar seus ouvintes. Era um orador competente. As ações e os discursos de Julião apareceram no texto de minha dissertação, que depois virou livro – Medo, Comunismo e Revolução, Ed. da UFPE – mas não era meu objeto de estudo. Quando terminei o mestrado, uma pergunta ficou me rondando: para onde foram aquelas pessoas, trabalhadores rurais integrantes das Ligas Camponesas, depois do golpe de 1964? Deixaram de ocupar as páginas dos jornais. A repressão do novo governo os fez sumir. Não mais estavam nas narrativas políticas do país. E Francisco Julião? Me dei conta que não sabia nada da sua vida depois de 1964. E pouco havia para ser lido na historiografia. Era como se sua história terminasse junto com as Ligas Camponesas em 1964. Com essa curiosidade me movimente em direção ao doutorado, realizado na UFRJ sob orientação da professora Maria Paula Nascimento Araújo.

Escritas do Tempo: Como foi narrar a trajetória do Francisco Julião em termos de metodologia dessa escrita historiográfica?

Pablo Porfírio: No tópico anterior, falei sobre os caminhos que segui para encontrar meu personagem e propor um projeto de pesquisa. Neste, descreverei as trilhas percorridas durante o doutorado. A metodologia é as perguntas que construímos, as escolhas realizadas, os autores com quem dialogamos. Aquela minha curiosidade inicial de saber o que ocorreu depois do golpe, qual a sequência da sua história, me levou a encontrar Julião envolvido em algumas polêmicas. A principal se deu na eleição de 1986, período da redemocratização do Brasil quando o advogado decidiu apoiar o candidato do PFL, o usineiro José Múcio Monteiro, para o cargo de governador. Colocava-se assim na oposição ao candidato do PMDB, representante das esquerdas, Miguel Arraes, que já havia sido governador de Pernambuco até 1964, quando seu mandato foi cassado e ele preso pelos militares. Francisco Julião era chamado de traidor por alguns, pela sua opção política em 1986. Outros diziam que ele revelava sua verdadeira essência, ou seja, um sujeito conservador, que sempre esteve ligado às elites agrárias. Afinal, completavam, sua família paterna era proprietária de terras em Pernambuco. As ideias de traição e verdadeira essência se revelaram como armadilhas da pesquisa. Para escrever a trajetória de Julião, decidimos aceitar sua multiplicidade enquanto sujeito que ocupou posições em redes políticas e momentos históricos distintos. Escolhemos analisar as configurações sociais em que Julião atuou em distintos

tempos históricos e identificar quais as possibilidades de ação se apresentaram para ele e o que o mobilizou para determinadas escolhas. Para tanto foi necessário conhecer com profundidade os tempos históricos em que ele transitou, as forças políticas e sociais em ação e o diálogo estabelecido entre ele e elas. Além de diversos autores da história e da filosofia, me inspirei no livro de Luigi Pirandello, “Um, nenhum, cem mil” para tecer uma trajetória que fugisse da ideia de essência do sujeito e, por conseguinte, das qualificações produzidas a partir dela, como a de traidor. Para nós historiadores, deve interessar menos os lugares fixos e mais os movimentos dos nossos personagens.

Escritas do Tempo: Que dificuldades nesse percurso investigativo você encontrou? Que caminhos deram certo e outros não?

Pablo Porfírio: Há pontos na pesquisa que considerava desafiadores. O principal era pesquisar sobre o exílio de Francisco Julião entre 1965 e 1979 no México. Julião foi preso alguns meses depois do golpe de 1964 e assim permaneceu até setembro de 1965, quando conseguiu um habeas-corpus e pediu asilo político na embaixada do México no Rio de Janeiro. A viagem para o exílio ocorreu três meses depois. O que Julião fez durante os 14 anos vividos no México era algo totalmente desconhecido para mim. Quem era aquele Francisco Julião exilado no México? Não havia informações e, a princípio, tomei essa ausência como indício de que talvez não haveria tanto o que pesquisar sobre o período. Além disso, não sabia como iria realizar uma pesquisa documental fora do país. Logo, não projetei espaço na escrita da tese para esse período de sua vida. A tese estava orientada, sobretudo, para analisar o período de redemocratização do Brasil a partir da trajetória de Francisco Julião nos anos 1980. Como o seu passado de radical líder das Ligas Camponesas circularia em um país, cujo projeto de democracia estava pautado nas ideias de conciliação e pacificação. No primeiro ano da pesquisa consegui encontrar uma dissertação de mestrado defendida na USP que tratava de alguns aspectos do exílio de Julião. Juntei alguma grana e decidi passar 10 dias na Cidade do México. Dólar baixo, passagens aéreas um pouco mais acessíveis, sem coronavírus. Eram outros tempos. Fui recebido pelo professor Alberto Del Castillo. Fiquei hospedado em sua casa. Longas conversas, regadas a cerveja, acompanhadas de tacos e enchilladas, me apresentaram diversos caminhos de pesquisas possíveis. Foi uma corrida contra o tempo para em dez dias conseguir levantar o máximo de informações sobre acervos onde poderia encontrar informações sobre meu personagem. Para a quantidade de informações mapeadas precisaria de seis meses de

pesquisa. Voltei ao Brasil sem saber se seria possível, mas certo que aquele caminho de investigação mudaria completamente minha tese. No segundo semestre de 2011, o PPGHIS da UFRJ, onde realizava meu doutorado, informou que havia bolsas de doutorado sanduíche para seus estudantes realizarem pesquisa no exterior. Solicitei e consegui passar o primeiro semestre de 2012 no México. A política de financiamento das pesquisas do governo Dilma Roussef foi fundamental para mim e outros colegas de doutorado realizarem seus estudos. Fui recebido pela Escuela Nacional de Antropología e Historia do México – ENAH e pelo Instituto Mora, sob supervisão do professor e pesquisador Alberto Del Castillo. A documentação histórica acessada me apresentou duas trilhas principais a serem seguidas. Por um lado, Francisco Julião conseguiu se inserir em uma rede intelectual formada por uma elite política mexicana próxima ao PRI – Partido Revolucionário Institucional – que se colocava como guardião dos valores da Revolução Mexicana. O exilado publicou centenas de artigos em uma das mais importantes revistas semanais – *Siempre!* -, vários livros, deu cursos em universidades e centros de investigação e ainda desenvolveu um amplo projeto de história oral com antigos combatentes da revolução, financiado pelo governo mexicano. Percorrer essa trilha me obrigou a realizar um movimento de aproximação com a história intelectual e sua metodologia de análise. O outro direcionamento apontado pela pesquisa me levou a uma documentação diplomática. Julião foi tema de diversos ofícios, petições e relatórios produzidos pelos serviços de diplomacia do Brasil e do México.

Isso porque o governo brasileiro não aceitava que o ex-presos político publicasse artigos com análises críticas sobre o Brasil. Havia todo um debate acerca de relações internacionais e diplomacia na América Latina que precisei estudar. Como analisar esses documentos elaborados por embaixadas e cruzar as informações com a produção intelectual de Julião. Era necessário formular boas questões e para isso li muita bibliografia. Não imaginava que seguiria por essas trilhas do exílio. O México e o asilo político ganharam muito espaço na tese, o que não estava programado. Fui obrigado a redirecionar minhas leituras, minha escrita e inventar novas questões. Ao final, creio ser a parte do texto da tese/livro que mais gosto, além de ter sido bem avaliada pelos pares. É importante não termos uma pesquisa fechada, limitada, que apresente um ponto de chegada definido desde a partida. Há nortes, oferecidos pelas questões iniciais, mas não devem haver caminhos únicos. Por outro lado, existia uma expectativa, desde o início da construção da tese, de conseguir realizar diversas entrevistas com os filhos de Julião e talvez com a viúva, Marta Rosas, com quem vivia quando morreu de um infarto em

1999. Além das entrevistas, os arquivos particulares se projetavam como fundamentais para o bom andamento da pesquisa. Contudo, no decorrer do trabalho, a relação com a família se mostrou um pouco mais difícil do que imaginava e o acesso a algumas entrevistas e ao acervo particular foi quase impossível.

Existe sempre a possibilidade dos filhos, filhas, e quem mais estiver como guardião da memória e da história do personagem, resistir a compartilhar as informações pois acredita que há uma histórica única a deve ser contada pela família ou por alguém autorizado por ela. No caso de Marta Rosas, viúva de Julião, consta que tem um acervo de cartas e dois livros autobiográficos escritos pelo exilado político. Os filhos e Marta Rosas não se entendiam bem. Havia algumas mágoas e ressentimentos resultantes dos desencontros da vida. Julião morreu no México, em uma cidade chamada Tepoztlan. Estive lá buscando uma conversa com Marta. Ela nunca quis me receber. Dizia que não participaria de qualquer encontro com brasileiros. Enfim, consegui acesso a poucos documentos com a família. Apenas um filho de Julião me concedeu uma entrevista, por sinal excelente. Esse caminho não deu certo. Várias questões da tese precisaram ser cortadas, não havia como avançar sem o acesso à documentação que imaginava existir.

Escritas do Tempo: Por que o termo “em luta com seu mito”?

Pablo Porfírio: Convido o leitor a ler o livro para entender qual a luta e qual o mito são referenciados neste título. A tese foi defendida em 2013 e o livro lançado em 2016. Hoje não usaria mais o termo mito. Substituiria pela palavra memória.

Escritas do Tempo: Para jovens historiadores /biógrafos que estão inseridos em arquivos e acervos particulares, o que você destacaria como maior desafio na mobilização documental?

Pablo Porfírio: Creio que uma boa pesquisa depende de boas perguntas construídas pelo historiador. Não adianta encontrar um documento que pode se considerar fantástico e não ser possível usá-lo para produzir um deslocamento analítico que se insira e contribua para o debate historiográfico. A questão elaborada pelo historiador o orientará pelo mar de fontes disponíveis para a pesquisa atualmente. Com os acervos digitais e a facilidade na consulta, cada vez mais juntamos uma massa documental maior para as teses e as dissertações. Em várias situações, é impossível dar conta de ler, fichar e analisar tudo. É necessário termos instrumentos que nos ofereçam um norte. Para mim, ele é dado pelas questões sobre o tema que elaborei a partir da leitura da teoria e da

historiografia, em diálogo com a investigação das fontes. Claro que durante a pesquisa podem e devem surgir outras questões. Para saber se são válidas, é necessário relacioná-las outra vez com a historiografia.

Escritas do Tempo: Nessa sua pesquisa como você poderia relatar as tensões entre o metiê do historiador e as exigências /expectativas de biógrafo desse personagem?

Pablo Porfírio: Nunca me senti ou me pensei como biógrafo de Francisco Julião. Essa condição de biógrafo me colocaria como dono da escrita de uma vida. Não gosto. Eu sou um historiador que tomou um recorte temporal e temático para ser estudado a partir de uma trajetória. Ou seja, escolhi o personagem, Francisco Julião, estudei aspectos da sua vida que se relacionavam com a história política do Brasil e, em alguma medida, da América Latina, na segunda metade do século XX. Isso é o trabalho do historiador.

Escritas do Tempo: Sua pesquisa ganhou o Prêmio Manoel Salgado de melhor tese 2013, concedido pelo PPGHIST/UFRJ. Como você recebeu essa premiação e o que você atribui?

Pablo Porfírio: O prêmio Manoel Salgado de melhor tese oferecido pelo PPGHIS UFRJ foi uma grata e feliz surpresa. Manoel Salgado foi meu professor no início curso de doutorado. Destacado intelectual e um professor muito humano. Foi uma honra receber um prêmio em sua homenagem.

Escritas do Tempo: Que biografia te encantou pela narrativa, história, uso de fontes? Tem uma ou várias?

Pablo Porfírio: Gosto muito do trabalho de João José Reis, “Domingos Sodré – um sacerdote africano” A forma como a narrativa é tecida e como o autor resolve alguns problemas criados pela falta de informações/documentação sobre determinados eventos, como a prisão de Sodré. Remontar o possível acontecimento a partir das trajetórias de outras pessoas ou por meio de distintos cenários de época me encantou. Um excelente trabalho de História.